

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

MARIANE TOMAZ DOS REIS

O VÍNCULO MÃE-FILHO: o mito do amor materno e a cultura
contemporânea

Paracatu

2020

MARIANE TOMAZ DOS REIS

O VÍNCULO MÃE-FILHO: o mito do amor materno e a cultura contemporânea

Monografia apresentada ao curso de Psicologia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de Concentração: Mecanismos Instintivos e Processos Sociais

Orientador: Prof. Msc. Romério Ribeiro da Silva.

Paracatu

2020

MARIANE TOMAZ DOS REIS

O VÍNCULO MÃE-FILHO: o mito do amor materno e a cultura contemporânea

Monografia apresentada ao curso de Psicologia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de Concentração: Mecanismos Instintivos e Processos Sociais

Orientador: Prof. Msc. Romério Ribeiro da Silva.

Banca Examinadora:

Paracatu – MG, 10 de Agosto de 2020.

Prof. Msc. Romério Ribeiro da Silva.

Centro Universitário Atenas

Prof.^a Msc. Analice Aparecida dos Santos

Centro Universitário Atenas

Prof.^a Msc. Fatima da Neves Martins Santos

Centro Universitário Atenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, presença constante em minha vida, razão maior de poder estar concluindo este curso.

A minha mãe e irmãos, pelo apoio e dedicação para comigo. Obrigada por me ajudarem na realização deste sonho.

A Daniela, grande amiga que a faculdade me deu o prazer de conhecer.

Aos membros na igreja Arca da Aliança, da qual faço parte e que sempre direta ou indiretamente me deram forças em orações para aqui chegar.

Agradeço também aos meus professores pela contribuição e ensinamento para realização desse curso e ensinamento repassado nesse período de cinco anos.

"É a incapacidade de amar que priva o homem de suas possibilidades. Este mundo é vazio somente para aquele que não sabe dirigir sua libido para coisas e pessoas e torná-las vivas e belas para si."

Carl Jung.

RESUMO

Grandes mudanças têm acontecido no cenário contemporâneo, no âmbito econômico, social e educacional, junto dessas mudanças a ideologia feminina também se faz crescente. As mulheres não mais querem ficar em seus lares, cuidando apenas de seus maridos e filhos, ou até mesmo estão optando pela não maternidade, buscam novas áreas de atuação. Haja visto que o mito do amor materno ainda se faz bastante presente, a proposta desse trabalho é conhecer e discutir o surgimento histórico e social deste mito, ao qual Elisabeth Badinter descreve muito bem em seu livro, “*Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*”, bem como ainda, compreender o vínculo materno, entre mãe-filho a luz da psicanálise. Foi realizada uma revisão bibliográfica, a fim de refletir sobre as mudanças que levaram as mulheres há não mais desejarem ser mãe, a partir de trabalhos disponíveis no Google Acadêmico, Scielo, artigos científicos e livros.

Palavras-chave: Maternidade, Mito do Amor Materno, cultura contemporânea, psicanálise.

ABSTRACT

Major changes have taken place in the contemporary scenario, in the economic, social and educational spheres, together with these changes the female ideology is also growing. Women no longer want to stay in their homes, taking care only of their husbands and children, or even are opting for non-motherhood, looking for new areas of activity. Since the myth of maternal love is still very present, the purpose of this work is to know and discuss the historical and social emergence of this myth, which Elisabeth Badin-ter describes very well in her free, “An Conquered Love: The Myth of Maternal Love ”, as well as understanding the maternal bond between mother and child in the light of psychoanalysis. A bibliographic review was carried out in order to reflect on the changes that led women to no longer wish to be a mother, based on works available on Google Scholar, Scielo, scientific articles and books.

Keywords: *Maternity, Myth of Maternal Love, contemporary culture, psychoanalysis.*

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

UN/Pop - United Nations Population

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2. HIPÓTESE DE PESQUISA	11
1.3. OBJETIVOS	12
1.3.1. OBJETIVO GERAL	12
1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4. JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	12
1.5. METODOLOGIA DO ESTUDO	12
1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	13
2. AS BASES DO AMOR MATERNO.....	14
2.1. UM CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL	14
2.2. FAMÍLIA E MATERNIDADE NO BRASIL	16
2.3 O MITO DO AMOR MATERNO	17
3. A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE.....	18
3.1 O VÍNCULO MÃE-FILHO.....	19
4. CULTURA CONTEMPORÂNEA: A ESCOLHA PELA NÃO MATERNIDADE....	21
4.1 MULHERES QUE AMAM SEUS FILHOS MAS ODEIAM O PAPEL DE MÃE ...	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos pode-se notar em vários campos sociais, como na política, na economia e na cultura, diversas e crescentes mudanças -, mudanças estas que causam alterações importantes tanto na vida pessoal quanto na social das pessoas, refletindo de forma significativa na vida familiar, nas escolhas conjugais, até na visão maternal. Giddens (2002) e Petrini, (2005).

Apesar de um padrão social que define a função da mulher existir até nos dias atuais, nascido ainda na Idade Moderna, mais precisamente no século XVIII, fazendo com que a maioria das mulheres tornem-se mães em algum momento de suas vidas, a crescente tendência pela escolha de não terem filhos vem ganhando destaque como apontam variáveis estudos, como os do IBGE (2010), Barbosa e Rocha-Coutinho (2007).

Segundo Badinter (2011), casar-se e ter filhos nos anos de 1970 era visto como um curso natural da vida, até as mulheres descobrirem que podiam ser donas das suas próprias escolhas e lutarem por isso, buscando novos caminhos e conseqüentemente fazendo com que a maternidade deixasse de fazer parte de seus planos. A autora afirma ainda que desde que as mulheres começaram a controlar sua fecundidade, alguns fatos puderam ser notados nos países desenvolvidos, como: diminuição da fertilidade, aumento da idade média das mulheres que escolheram ter seus filhos, um novo modelo de família, as ditas casais sem filhos e mulheres solteira sem filhos. Portanto ser mãe deixou de ser um destino e passou a ser uma escolha feminina. (CHAVES, 2011).

Outro campo que vem ganhando destaque é a manifestação das mulheres com relação à insatisfação materna, O livro *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade* (2017) de Orna Donath, ganhou destaque por trazer diversos depoimentos de mulheres que se arrependeram de tornar mães e apresentam um sentimento ambivalentes experimentado pela maioria das mulheres.

Diante do exposto, esta pesquisa bibliográfica de cunho exploratório tem por objetivo discorrer sobre as novas perspectivas maternas, haja vista que é uma questão cada vez mais crescente na sociedade.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo Gillespie (2003) a maternidade é constituída socialmente como algo natural e de grande desejo feminino, fazendo com que qualquer mulher que opte por não ser mãe, seja vista como alguém que possui um distúrbio psicológico, uma mulher anormal.

Badinter (1985) assegura que o amor materno, assim como qualquer outro sentimento humano é vulnerável, imperfeito, pode ou não existir e baseia-se na conceitualização de instinto materno está amarrada historicamente, partindo da idealização masculina dominante de cada época. Contradizendo assim, a mística de que é da natureza feminina a maternidade.

Dessa maneira nesta pesquisa busca-se responder o seguinte questionamento: O amor materno é inato ou aprendido?

1.2. HIPÓTESE DE PESQUISA

Segundo Elizabeth Badinter (1995) o amor materno tido como algo inato é um mito, não se nasce para ser mãe, se torna. Desde os primórdios a mulher era vista como um ser para procriação, dotada dos sentimentos mais puros e singelos, essa ideia foi passada de geração para geração até nos dias atuais.

Freud, em suas literaturas, salientou que o anseio feminino em ter um filho está relacionado ao complexo de castração, a menina pela ausência peniana poderá canalizar o desejo pelo órgão para o desejo de ter um filho, dessa maneira a maternidade na concepção freudiana, é uma bifurcação da castração, ou seja, está ligada à falta. (Brousse, 1993)

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. OBJETIVO GERAL

Compreender as origens da construção do mito do amor materno bem como seus reflexos na cultura contemporânea.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a). Discutir e problematizar as bases do amor materno uma construção histórica e social.
- b). Compreender como se estabelece o vínculo mãe-filho em um contexto histórico a luz da psicanálise.
- c). Refletir sobre as mudanças que levaram as mulheres a não mais desejarem ser mãe, bem como a não realização plena durante a maternidade.

1.4. JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A escolha do presente tema como objeto de estudo justifica-se pela observação no crescimento do manifesto feminino na ausência do desejo em ser mãe, servindo como meio que possibilita a compreensão social acerca da nova visão feminina com relação a maternidade.

A cada ano que se passa, mais a mulher vem se posicionando com relação a diversas escolhas em sua vida – dentre esses posicionamentos a ausência pelo desejo materno e/ou o arrependimento pela maternidade – podendo gerar diversos conflitos tanto externos quanto internos, e muitos dos profissionais da psicologia encontram dificuldades para este tipo de intervenção. Sendo assim, este poderá fornecer subsidio para os profissionais que atendem estas mulheres.

1.5. METODOLOGIA DO ESTUDO

Para melhor embasamento, o presente estudo terá como base uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, por meio de livros, artigos científicos e periódicos, objetivando com isso, o esclarecimento acerca do tema abordado.

De acordo com Gil (1996, p 27) as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

O primeiro capítulo traz a elucidação acerca da introdução com a contextualização do estudo; elaboração do problema de pesquisa; os objetivos geral e específico; as justificativas, importância e contribuições da proposta de estudo; a metodologia do estudo, bem como definição da estrutura do trabalho de conclusão de curso.

No segundo capítulo, trata-se de uma contextualização histórica acerca da maternidade, na Idade Média e Século XVII com ênfase na construção do mito do amor materno.

No terceiro capítulo, aborda-se a construção da maternidade na perspectiva da Psicanálise, salientando a sexualidade feminina e elaboração do desejo pela maternidade.

No quarto capítulo, foi abordado as novas expectativas acerca da maternidade contemporânea, mãe que ama seus filhos mas vivenciam a maternidade de socialmente construída, bem como a escolha pela não maternidade.

Por fim, no quinto capítulo mostra as considerações finais do estudo da construção do vínculo mãe-filho e a cultura contemporânea.

2. AS BASES DO AMOR MATERNO

2.1. UM CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL

Segundo Moreira (2009) diversos discursos sociais e científicos de cada época, levam a problematização do ponto de vista de ser mãe como produto das circunstâncias de um dado momento histórico. Que a princípio o assunto amor materno associava-se como uma divinização, algo abençoado por Deus, sentimentos mais puro e positivo.

Conforme Moreira (2009) e Badinter (1985) entre Idade Média e o século XVII, as crianças das famílias aristocráticas não permaneciam junto de suas famílias por muito tempo, após o seu nascimento o recém-nascido era entregue a uma ama-de-leite e retornavam para as suas casas com a idade aproximada de oito anos, e logo eram enviadas as meninas para os conventos ou os meninos para os internatos, onde lhes eram ensinados o latim, doutrinas religiosas e estratégias de guerras. Moreira (2009, p. 16) afirma ainda que o sentimento materno como referência nessa época ainda não existia.

Somente no fim do século XVIII, o amor materno mostrou-se como um novo conceito, levando a associação entre duas palavras: amor e materno. Badinter (1985) ressalta que a partir dos anos de 1770 a obrigação de ser mãe antes de tudo foi imposta a mulher.

Segundo Poster (1979), por volta do século XIX começam aparecer diversas exposições nas literaturas ordenando às mães que amamentassem e cuidassem pessoalmente dos filhos. Para Poster (1979) ainda, nesse momento, vários profissionais como, administradores, médicos e também militares indagam costumes educacionais do século objetivando firmar o sentimento de família.

Até o século XVIII, carinho e afeto entre mães e filhos eram visto socialmente como relaxamento, pecado e ainda má educação. Badinter (1985) afirma que era dito às mães que elas perderiam os seus filhos caso os amamentassem com prazer.

De acordo com Poster (1979) um novo modelo familiar afiliado à burguesia é estabelecido no século XIX. Onde os filhos foram revistos e tornaram seres importantes para os pais, trazendo como consequência disso, um novo grau de intimidade toma forma nas relações entre pais e filhos das famílias burguesas.

Poster (1979) salienta que a partir desse momento o amor materno passa a ser visto como natural nas mulheres, que então não somente zeladora da sobrevivência dos filhos, mas treinadora incumbida de coloca-los em um lugar na sociedade, iniciando o cuidado com a educação institucional.

De acordo com Badinter (1985) em meados dos anos de 1770 foi imposta à mulher a obrigatoriedade de ser mãe antes de qualquer coisa, dando assim origem ao mito que continuará bem vivo até a atualidade: o do amor natural e espontâneo de toda mãe pelo filho.

Badinter (1985) salienta ainda que foram necessárias três manifestações diretas à mulher, para que a mesma modificasse sua postura perante ao seu filho:

Foram necessários nada menos de três discursos diferentes para que as mulheres voltassem a conhecer as doçuras do amor materno e para que seus filhos tivessem maiores possibilidades de sobrevivência: um alarmante discurso econômico, dirigido apenas aos homens esclarecidos, um discurso filosófico comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres. (BADINTER, 1985, p. 149).

No discurso econômico Badinter (1985) afirma que a criança passou a ter valor mercantil, notando o seu potencial produtivo, vinculando assim a visão de grande riqueza econômica. O discurso filosófico salientou a criança como bem de grande valia para a sociedade e família. O terceiro e último discurso voltando para as mulheres, que passou a ser responsável pela pátria, pois sociedade necessitava de delas.

A partir disso as mulheres passaram a ser o eixo da família, atribuídas cuidado e educação dos filhos. Moreira (2009, p. 23), “a devoção e presença vigilantes da mãe surgiram como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar”.

2.2. FAMÍLIA E MATERNIDADE NO BRASIL

Segundo Venâncio (2002) tanto no Brasil, quanto na Europa, a ampliação dos sentimentos presentes na família moderna, englobavam também aqueles ligados à maternidade, marcado pelas grandes modificações em virtude da evolução da burguesia no final do século XVIII, embora no contexto brasileiro tais transformações tenham sido revestidas de características específicas à condição do país colonial.

Venâncio (2002, p. 191) ainda salienta que durante o período colonial a maternidade não era aceita. Ele afirma que com o aumento da população no segundo e no terceiro século de colonização, surgiu uma modalidade selvagem de abandono, onde os recém-nascidos eram largados nas ruas “conhecendo por berço os monturos, as lixeiras e tendo por companhia cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas”. Moreira (2009) aponta que era muito comum mães de baixas condições financeiras, mulheres que engravidavam antes do matrimônio e pelas mulheres adúlteras, a prática do abandono dos recém-nascidos, período também que houve grandes de números de abortos e infanticídios.

De acordo com Venâncio (2002) aos religiosos európios com diversas crenças, o abandono provocava muita fúria e perplexidade. Foi nesse momento que o autor destaca nos séculos XVIII e XIX a criação, de instituições como a Santa Casa de Misericórdia no Brasil para o acolhimento dos abandonados, onde eram retiradas das ruas e batizadas, com ênfase no incentivo para à adoção das crianças que ali se encontravam.

Segundo Venâncio (2002) o governo passou a dar auxílio financeiro para todas as famílias que aceitassem criar as crianças órfão, valor esse que é era maior do que necessários para manter as mesmas. Moreira (2009) aponta o alto índice de mortalidade infantil nesse período, por maus tratos.

Moreira (2009) ressalta que a vida das mulheres passou a se restringir aos cuidados doméstico e da família, partir do momento em que a igreja começou a reforçar seus discursos submissão das mulheres em virtude de seus maridos e cabia à mulher respondê-lo com obediência.

2.3 O MITO DO AMOR MATERNO

Badinter (2011) sugere uma desconstrução histórica de que, a maternagem é um traço universal feminino e o desejo de toda mulher é ser mãe. A autora nos mostra que estamos, há anos, enraizamos nessa ideologia maternista. Afirmando assim, que:

Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional. (BADINTER, 1985, p. 367)

Segundo o Dicionário Aurélio, mito é um discurso de aspecto fantasioso e simbólico de transmissão oral, representados por fatos históricos, fenômenos da natureza ou aspectos da condição humana.

De acordo com Badinter (1985) e Venâncio (2002) para reduzir o índice da taxa de mortalidade infantil, das crianças entregues às amas de leite e abandonadas, apoiado nos discursos político, médico e religioso, o mito do amor materno foi instaurado, para assim elevar a produtividade e preencher os ideais de uma economia regida pelo modo de produção capitalista e sob o domínio da família burguesa. Uma vez enraizado, a ideologia maternista transmitida de geração para geração a partir do fim do século XVIII, fazendo com que se criasse um padrão comportamental, padrão esse de interesse do Estado e conseqüentemente às mães da época.

Badinter (1985) questiona a natureza universal e instintiva do amor materno, levantando importantes reflexões em relação ao (sinônimo) aleitamento e à imposição apoiada pelos discursos médicos, filosóficos e de outros profissionais. A autora salienta que o amor materno inato é um mito, e assegura-se em documentações históricas para afirmar com convicção essa afirmativa. Segundo a autoria, o ideal materno foi criado por especialistas e influentes da época.

Para Menezes (1998), do ponto de vista biológico, à nas mulheres uma predisposição orgânica para gestar um bebê, mas afirmar que o amor materno está distante de ser uma característica inata. Como passar dos anos, formou-se um ideal de mãe, cuidadosa, preocupada, capaz de se sacrificar por seus filhos, momento em que a maternidade passa a ser vista como função de extrema nobreza

3. A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Do ponto de vista Freudiano, o vínculo mãe-filho está relacionado ao valor que atribuiu ao Complexo de Édipo e a castração para aceitação da sexualidade. Ele enfatiza a não igualdade vivenciadas destes complexos entre, meninas e menos. Embora os dois tenham a mãe como o primeiro objeto de amor, o destino que esse amor toma é diferente. Para o menino a mãe ainda permanece sendo o seu objeto de amor, ao perceber a relação entre a mãe e o pai, o mesmo vincula o pai como rival. Já a menina direciona o seu amor para o pai, mas a relação com a mãe não será deixada por inteiro, estará presente ainda nos relacionamentos futuros com pai, marido e a maternidade.

Freud (1931) afirma que o complexo da castração é o efeito sobre aqueles que não possuem pênis, fator fundamento que faz com que, a menina se afaste da mãe e se aproxime do pai. Ao compreender de que não são todos, os beneficiados com um pênis, a menina liga a castração à sua mãe, com isso, passa a despreza-la. O autor afirma, que o complexo de castração é vivenciado apenas pelas meninas.

À princípio, o clitóris é para a menina, como um pequeno pênis, que irá se desenvolvendo, de acordo com o seu crescimento, responsabiliza a mãe por não ter um órgão genital adequado, que não lhe amamento o suficiente para que o seu pênis se desenvolvesse, falhou como uma boa mãe.

Segundo Freud (1932) o complexo de castração é o grande marco da sexuação feminina, após esse marco a feminilidade é estabelecida, substituindo o anseio de um pênis pelo desejo de ter um bebê. Em síntese, Freud (1932) vincula a maternidade com as saídas do complexo de castração.

Dolto (1984) em seu texto “*A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina*”, enfatiza que o sentimento materno é a relutância da construção nas relações criadas entre a menina e suas referências femininas e de como deu-se a laboração emocional com relação à castração. A autora salienta que, o amor materno corresponde ao narcisismo do sujeito, são projetadas nos filhos os anseios não executados pelos seus cuidadores, ou seja, tomam lugar de retratação nas feridas dos pais.

De acordo com Lebovici (2004), a maneira na qual a mulher executa sua função materna, pode estar ligada as experiências vividas quando exerciam seu papel de filha, nos cuidados em que recebia, bem como nos desfechos de seus conflitos edípicos.

3.1 O VÍNCULO MÃE-FILHO.

Zimerman (2010) atesta que o vínculo primário se constitui na relação mútua, entre o bebê e sua mãe ou quem representa o papel materno dela. A criação deste vínculo não inicia no nascimento da criança, mas desde a descoberta da gravidez, predisposição inata do bebê para a vinculação.

Stewart (1997) afirma que a concepção de uma criança é a junção de um homem e uma mulher, que pode ser acordado ou não, com as mais diversas maneiras de aceitação, que já estará inserida na história da criança, tal como, o motivo da gravidez, por vezes não conscientes, como engravidar para que a necessidade de um amor nunca tido seja suprido, um trunfo contra pais autoritário ou até mesmo contra si.

Tanto Bowlby (2006) quanto Winnicott (1998) frisam que as vivências infantis são essenciais no desenvolvimento e na definição de vínculos futuros. A maternidade está como base para todos os outros vínculos se estabelecidos ao longo da vida com a mãe, especialmente o vínculo primário, criado com seus pais. Desta maneira a escolha do companheiro ganha influências parentais, fazendo com que essa escolha esteja relacionada aos ideais desejado, chamada projeção fantástica. Que segundo NÓBREGA (2005) duração o período de gestação pode surgir sentimentos de ambiguidade no que desrespeita a relação mãe-filho, sentimentos como rejeição e insegurança. Entre tantos se os sentimentos bons se sobressaírem aos ruins, as chances de um vínculo positivo são maiores.

Bowlby (2006) certamente após o nascimento da criança, necessita de alguém que lhe ofereça cuidados, uma vez que ainda não são capazes de realizar suas atividades sozinhos, como alimentação, higienização, consultas médicas, o auxílio da mãe é essência, que são nomeados pelo autor como figura de apego, no qual o bebê se sente confortável e protegido, fazendo com que o processo Psicoafetivo seja saudável.

Winnicott (1956) argumenta que metade do desenvolvimento do bebê é influenciado por um ambiente facilitador. Dessa maneira, durante a gravidez, parto e puerpério, é no sentimento criado pela mãe, que podemos classificar o vínculo mãe-filho. O autor salienta que, algumas mães não conseguem exercer o seu papel materno, e entra em uma condição psíquica especial, que chamou de “preocupação materna primária”, onde há uma união, na qual um é o outro e vice-versa. A definiu como:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (Winnicott, 2000: 401)

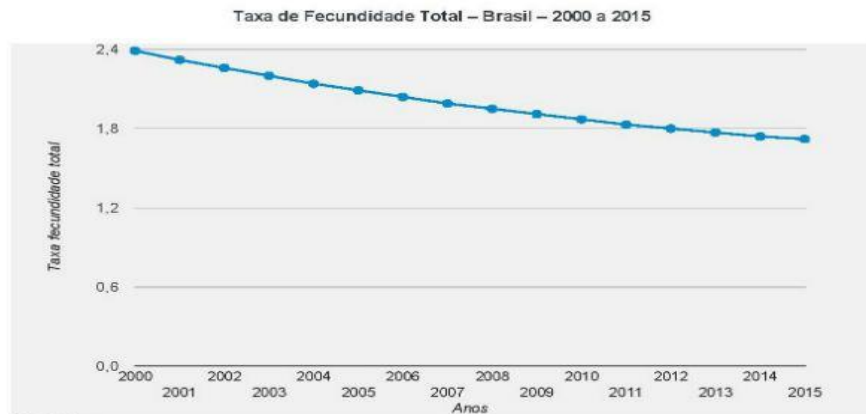
De acordo com o Winnicott (2000) esse momento especial é de fundamental importância para que o bebê possa construir o seu psiquismo, pois a mãe se volta inteiramente para as necessidades do bebê, sendo capaz de transformar as mesmas em comunicação. No entanto, o autor ressalta que as mães não saudáveis têm dificuldades de entrar e sair desse estado, ou que algumas vivenciam em um estágio tardio e tentam suprir essa lacuna, com comportamentos de superproteção.

4. CULTURA CONTEMPORÂNEA: A ESCOLHA PELA NÃO MATERNIDADE

Ao longo da história humana a maternidade em vários momentos foi vista como propósito único para as mulheres, e até alguns anos atrás manifestar-se o desejo pela não maternidade era pouco provável. Após várias lutas pelas conquistas voltadas para independência e autonomia das mulheres, o gênero feminino se desvinculou do sinônimo de maternidade e as mesmas agora podem optar por ser ou não mãe.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) taxa de fecundidade é a representação estimada do número de filhos que uma mulher em idade – 15 a 49 anos -, taxa que vem sofrendo um declínio nos últimos anos, tanto no Brasil quanto no mundo, como podemos ver nos gráficos 1 e 2 (UN/Pop Division, 2019).

GRÁFICO 1

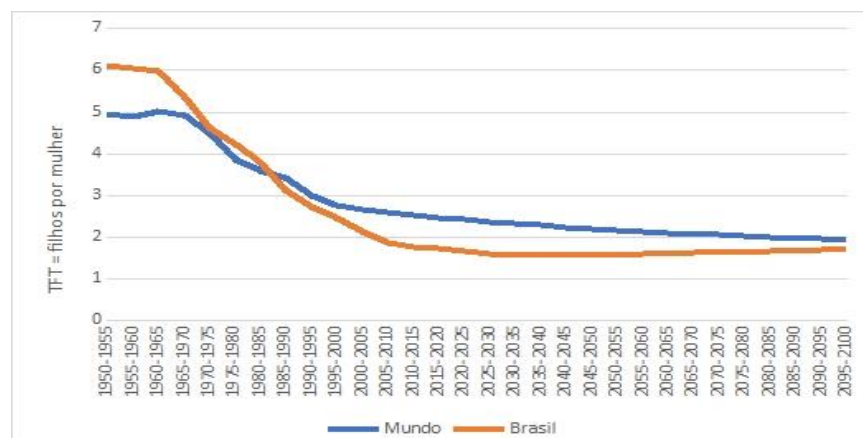


Ver tabela

Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil - 2013.

Fonte: IBGE

GRÁFICO 2



FONTE: UN/Pop Division

Segundo Barbosa e Coutinho (2007) as mulheres contemporâneas, diferentes daquelas dos tempos passados que eram criadas para casar-se e cumprir afazeres domésticos, hoje estão centradas nas vidas acadêmicas, profissionais e/ou financeira, pois entraram nesses caminhos a possibilidade de independência e conforto. Mas para Bruschini (2007) e Rosa (2011), ainda que novos espaços tenham sido conquistados, há uma sobrecarga pelas diversas responsabilidades lhes são atribuídas, acrescentam ainda a desvalorização, pelos gêneros por parte dos trabalhos privados.

Assim Moreira (2009), saliente que a concepção de maternidade é formada com bases no contexto histórico vivido por cada época, que envolve aspectos, culturais, sociais, econômicos e políticos.

De acordo com Mansur (2003), a escolha por não ter filhos ou alguma situação que impeça que isso aconteça, significa deixar as expectativas sociais com relação a mulher-mãe, posição socialmente valorizada, decisão que abarca questões existenciais importantes. Badinter (2011) saliente que a mulher que opta não ter filhos está sempre na mira dos julgamentos da sociedade, vista como alguém que não cumpri o seu dever, por tomando mais difícil para as mulheres expor esta decisão.

Fidelis & MoMosman (2013), apontam que a mulher ao imaginar a maternidade, faz com que elas acreditem que há um desejo em ter filhos, sensação que está ligada às diversas vivências femininas, quando na verdade, em algumas vezes, é uma consequência de uma pressão cultural da sociedade que fortalece o mito do instinto materno. Por outro lado, há uma ruptura nos padrões tradicionais sociais, quando a maternidade não acontece por escolha. De acordo com Kehl (1998), não é sobre desvalorizar a importância da maternidade mas enfatizar que há outros caminhos à serem seguidos pelas mulheres. Com as pílulas anticoncepcionais, preservativos dentre outros, é possível hoje que a mulher decida pôr no ter filhos ou por ter em um momento planejado. (BESSA, 2015).

4.1 MULHERES QUE AMAM SEUS FILHOS, MAS ODEIAM O PAPEL DE MÃE

De acordo com Azevedo e Arrais (2006) culturalmente é esperado que toda mulher anseie em ser mãe em algum momento de sua vida, é válido lembrar que desde a infância são treinadas para essa função, para que sejam femininas, cuidadosa, compreensiva e que seja capaz de grandes sacrifícios. A maternidade é um período de grande transformação, ocasionando mudanças tanto fisiológicas quanto psíquicas. Desde os primórdios a mulher e a maternidade são vistas como sinônimos, assim a capacidade de procriar um “dom divino “.

Segundo Tourinho (2006) ao longo dos anos construiu-se um ideal materno, que podem influenciar tanto positivamente, quanto negativamente nos dias atuais para mulheres e seus filhos que podem levar à sentimentos duvidosos em relação de uma mãe suficientemente boa. Apesar da sociedade exigir que seja uma mãe que ame seu filho de maneira incondicional, sabemos que muitas vezes não há esse sentimento, podendo ser substituído por culpas, irritação, ódio. A autora saliente que o padrão do papel materno perfeito foi passado de geração a geração, vivenciados no seio de sua família e no ambiente cultural inserido, colocando assim responsabilidades no núcleo familiar.

Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) trazem que o nascimento de uma criança causa na mulher mudanças de nível fisiológico, fazendo com que se tornem propensas a maior instabilidade, além das características corporais, como hormonais, metabólicas. Fase mais conhecida como puerpério, onde a mulher necessita se ajustar ao seu bebe e ao seu novo estado. Mas esse reajustamento nem sempre é experienciado de maneira simples, necessitando de um maior esforço elavaborativo, causando uma ambivalência.

Tourinho (2006), aponta que frequentemente é notado sentimentos de incertezas e dúvidas nas falas de muitas mulheres contemporâneas em relação à maternidade, trazem junto o sentimento de culpabilidade, frustração por não serem a mãe socialmente exigido e normalmente estão presentes em mulheres que não conseguem sentir esse amor incondicional por seus filhos.

Laplanche & Pontalis (2001) para melhor compreensão acerca dessa dualidade de sentimentos, salienta que há um paralelo na relação com o objeto, que consiste em gostar e ao mesmo tempo odiar. Que Bleuler conceitua em três níveis, Afetivo: amo e odeio a mesma pessoa, no mesmo momento; Voluntário: Ao mesmo tempo come e não quer comer; intelectual: expõe ao mesmo tempo proposição e o seu contrário.

De acordo com Tourinho (2006) apresenta a possibilidade de uma mulher ter um filho e não conseguir amá-lo, que neste contexto outros fatores, como os valores morais e sociais podem estimular o senso de cuidar.

Sá (2010) traz acerca do impasse vivenciado pela mulher contemporânea. Que com a conquista de sua independência, se faz mais presente nos meios acadêmicos, de trabalho e ao mesmo tempo sentem se distanciando do ideal de família tradicionalista. A autora aponta ainda problemática enfrentada pelas mulheres, que mesmo com tantas transformações e empoderamento, a sociedade continua esperando que a mulher esteja realizada, bem-sucedida no campo profissional e ainda se dedique aos cuidados e educação de seus filhos. As mídias são agentes marcantes e de fortes influências, pregam mães boas, dedicadas, cuidadosa e zelosas pelo desenvolvimento psicológico e o homem apenas um ajudante.

Tourinho (2006) podemos notar que o “amor incondicional “ cobrado pela sociedade, quando não vivenciado pelas mães, causam culpabilização. Os padrões maternos esperados inferem uma responsabilidade, que não alcançada provocam uma anulação, sensação de estacionamento diante de tantas demandas. A maternidade ainda apresenta um viés religioso, onde é tido como honroso mediante a sacrifícios, divino, de grande dádiva, causando incômodo à mulheres que se sentem pertencentes dentro deste meio.

Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) falam a respeito da romantização da maternidade na cultura ocidental, relacionada ao sacrifício privando assim as mulheres de se sentirem cansadas, frustradas ou qualquer outra coisa, sendo intituladas de “ desnaturadas “, deixando-as com sentimento de desproteção.

Segundo Farias & Lima (2004), ao seguirmos a linha da teoria freudiana há um distanciamento da mãe e uma aproximação do pai. Castrada desde o seu nascimento, faz com que a mãe se transforme em um objeto de amor e ódio, que de acordo com as autoras a maneira como esse embate for resolvido, poderá influenciar na maternidade futura. Neste sentido as mulheres teriam não ter solucionado no Complexo de Édipo corretamente, pois através do aperfeiçoamento desejo pelo pai, será possível a mulher vivenciar a plenitude do amor materno. Na busca pelo surgimento dessa insatisfação com a maternidade, a teoria freudiana se encaixa de maneira extraordinário, mas se limita à inferiorizar a mulher e considerar o desenvolvimento do seu superego inacabado, fortalecendo assim o padrão materno socialmente enraizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivo geral deste trabalho foi de refletir sobre, visto que número de nascidos vem sofrendo uma queda a cada ano que passa. Primeiro foi necessária uma análise da construção histórica e social acerca da maternidade, desta maneira foi possível compreender a relações entre a mulher, marido e filhos, bem como o surgimento do amor materno tido como inato, passado de geração para geração. Em segundo, procuramos explicar o vínculo mãe e filho, sob a percepção psicanalítica, que associa a sexualidade feminina e o desejo materno.

Tourinho (2006) frisa que, para Winnicott, no momento em que a mãe não se sente capaz de suprir as necessidades do bebê, não vivência o ódio de si, mas sim um profundo sentimento de impotência e frustração. Que para muitas mães, essa falta de habilidade detectar as necessidades do bebê, podem ser compreendidas como ódio ou raiva, quando na verdade existe a possibilidade deste sentimento estar presente, exatamente por ser procedentes dessa impotência.

Se existe um sofrimento por parte das mulheres que se arrependem de serem mães ou das mulheres que não experienciam esse desejo, tão falado por todos, a procura por uma psicoterapia é indicada, podendo assim colaborar para que haja uma melhor compreensão de si, bem como a relação mãe-filho e de mais relações.

Por tanto, podemos dizer que apesar dos poucos estudos na área, os objetivos desse trabalho foram alcançados. A maternidade é um tema vasto, com questões que variam de acordo com cada mulher, bem como a cultura, contexto histórico, econômico e que não está ligada à sentimento inato, como trazidos por muito tempo como destino único para a mulher.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986
- AZEVEDO, K. R. & Arrais, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 269-276, 2005.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro; RJ. 1985
- BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BARBOSA, Patrícia Zulato; COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **SER MULHER HOJE: A VISÃO DE MULHERES QUE NÃO DESEJAM TER FILHOS**. RJ, 2012
- BARBOSA, P. Z. & Rocha-Coutinho, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 1163-18, 2007
- BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes, 2006 a.
- BROUSSE, Marie Hélène. **Femme ou Mère? La Cause Freudienne**. 1993
- CHAVES, S, S. Significados de maternidade para mulheres que não querem ter filhos. Salvador, 2011.
- COLARES, Sthephany Caroliny dos Santos; MARTINS, Ruimarisa Pena Monteiro. **MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL ALÉM DO DESEJO**
- FARIAS, Chynthia Nunes de Freitas; LIMA, Glaucianeia Gomes. **A relação mãe-criança: Esboço de um percurso na teoria psicanalítica**. São Paulo, SP.
- FERNANDES, Edson e LACERDA, Margareth Moura. **Sem Filhos por Opção - Solteiros e Casais, e Muitas Razões Para Não Terem Filhos**. São Paulo: Nversos, 2012
- GIDDENS A. (2002). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1999)
- FREUD, S. (1976). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Feminilidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 22, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 e escrito em 1932).
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2013). SIS 2013: 74,1% das mulheres de 25 a 29 anos que não estudam nem trabalham têm ao menos um filho. Recuperado a partir de <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2526&busca=1&t=sis-2013-74-1-mulheres25-29-anos-que-nao-estudam-nem>

LAPLANCHE, J. & POTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANSUR, L. H. B. (2003). Experiências de Mulheres sem Filhos: A Mulher singular no plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 2-11.

MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. Maternidades: os repertórios interpretativos Utilizados para descrevê-las. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp108581.pdf> Acesso em: 24 ago. 2015

RESENDE, Deborah Kopke. MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL. Minas Gerais, 2017

SÁ, E. C. De volta ao fogão: A (re)valorização da maternidade intensiva e do trabalho doméstico feminino. *Fazendo Gênero* 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010.

TRAVESSOS-RODRIGUEZ, F. & FÉRES-CARNEIRO, T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1 p. 111-121, jun, 2013.

TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade. *IGT na Rede*, v.3, n. 5, 2006.

VENÂNCIO, Renato Pinto. A maternidade negada. In: PRIORE, M.D. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. Cap. 6, p.189-223

POSTER, Mark. Modelos de Estrutura da Família. In: *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Cap 7, p.185-224

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott *Da Pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 2000. P218-232.

WINNICOTT, D.-W. (1956/1993). Preocupação materna primária. In: Winnicott, D.-W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves. ZIMERMAN, David E. *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento, na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.